

SONHO E REALIDADE

Newton Araújo Jr.
Da equipe do **Correio**

A proposta era arrebatadora. Quase como brincar de ser Deus. Construir um centro de vida humana (imaginar tudo, pensar detalhes, calcular o futuro) a partir do nada. Quer dizer, do nada, não: a partir da natureza — ainda — virgem do cerrado do Planalto Central. No meio da imensidão de terra e céu, uma cidade inteira a emergir. Era para deslumbrar qualquer projetista. Entre eles, o gênio de Lúcio Costa.

O concurso para fazer a nova capital brasileira foi iniciado em 30 de setembro de 1956. Os candidatos tinham 120 dias para apresentar suas propostas. Reza a lenda que Lúcio Costa entregou seu projeto em cima da hora. E o fez com imensa humildade: “Não pretendia competir e, na verdade, não concorro, — apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada mas surgiu, por assim dizer, pronta”.

Isso ele diz logo no primeiro parágrafo. Parecia premonição. Ou mediunidade. Mas, longe de qualquer esoterismo, o Plano Piloto de Lúcio Costa revelou-se à comissão julgadora do concurso como a solução mais viável. E a mais elegante. Hoje, 39 anos depois de inaugurada, o **Correio** passa a limpo a cidade, conferindo o traço do arquiteto com as linhas do concreto.

Percorrer as ruas do Plano Piloto é perceber sutilezas presentes na exposição do projeto, feita por Lúcio Costa há 45 anos. O conceito do automóvel se harmonizando com os pedestres. A comodidade das superquadras, planejadas para ter tudo o que o habitante poderia precisar, escola, comércio ou igreja. E, no texto do homem que imaginou a cidade, a poesia não perde espaço para o concreto.

André Corrêa



HARMONIA COM OS CARROS

“Fixada assim a rede geral do trâfego automóvel, estabeleceram-se, tanto nos setores centrais como nos residenciais, tramas autônomas para o trânsito local dos pedestres a fim de garantir-lhes o uso livre do chão, sem contudo levar tal separação a extremos sistemáticos e anti-naturais pois não se deve esquecer que o

automóvel, hoje em dia, deixou de ser o inimigo inconciliável do homem, domesticou-se, já faz, por assim dizer, parte da família. Ele só se “deshumaniza”, readquirindo vis-à-vis do pedestre feição ameaçadora e hostil quando incorporado à massa anônima do trâfego. Há então que separá-los, mas sem perder de vista

que em determinadas condições e para comodidade recíproca, a coexistência se impõe.”

■ Tem sido cada dia mais difícil a convivência pacífica entre homem e automóvel. Diariamente aumentam os números de automóveis e de acidentes na cidade projetada.